

Ensaio sobre o jornalismo

Para um programa de Pesquisa Básica, Aplicada e de Desenvolvimento Experimental

Josenildo Luiz Guerra¹

Resumo

O presente ensaio vai explorar os desafios para a pesquisa em jornalismo se consolidar como um campo científico que delimite, explique e fundamente a atividade profissional, a fim de contribuir para o seu aperfeiçoamento e inovação, em todas as suas dimensões. Ainda que a atividade seja objeto de inúmeros estudos e pesquisas científicas, eles não formam um *corpus* articulado e cumulativo de saberes alinhados para explicar e orientar a prática profissional. Para o esforço de convergência das pesquisas, o ensaio vai propor um movimento conceitual e metodológico em torno das modalidades de Pesquisa Básica Orientada e Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental. Essa articulação é necessária para alinhar fundamentos teóricos às práticas profissionais, a fim de impulsionar tanto as pesquisas a níveis de maior especialização quanto o saber profissional a níveis de maior capacidade demonstrativa de sua eficácia.

Palavras-chave: Jornalismo. Responsabilidades. Pesquisa Básica Orientada. Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental. Sistema perito.

An Essay on Journalism: For a Basic, Applied, and Experimental Development Research Program

Abstract

This essay will explore the challenges for journalism research to establish itself as a scientific field that delimits, explains, and underpins professional activity, in order to contribute to its improvement and innovation, in all its dimensions. Although the activity is the subject of numerous studies and scientific research, they do not form an articulated and cumulative body of knowledge aligned to explain and guide professional practice. In order to converge research efforts, the essay will propose a conceptual and methodological movement around the modalities of Oriented Basic Research and Applied and Experimental Development Research. This articulation is necessary to align theoretical foundations with professional practices, in order to boost research to higher levels of specialization and professional knowledge to higher levels of demonstrative capacity of its effectiveness.

Keywords: Journalism. Responsibilities. Oriented Basic Research. Applied and Experimental Development Research. Expert System.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: jguerra@academico.ufs.br.

Introdução

O presente ensaio vai explorar os desafios para a pesquisa em jornalismo se consolidar como campo científico que delimite, explique e fundamente a atividade profissional, a fim de contribuir para o seu aperfeiçoamento e inovação, em todas as suas dimensões. Ainda que a atividade seja objeto de inúmeros estudos e pesquisas científicas, eles não formam um *corpus* articulado e cumulativo de saberes alinhados para explicar e orientar a prática profissional. Já em 1999, Meditsch destacava uma forte tendência das pesquisas na área em apontar as “patologias” do jornalismo, associando-o à “perpetuação” e ao “agravamento” de problemas sociais, mas poucos, mesmo “os mais consistentes e bem fundamentados”, traziam alguma “indicação sobre o que poderia ser uma fisiologia normal do jornalismo”, referindo-se à sua compreensão e suas potencialidades.

Em outra perspectiva, Zelizer (2010) aponta os desencontros nas formas de entender e de pesquisar a atividade, entre as distintas visões de profissionais, educadores e pesquisadores. Para ela, o lugar do jornalismo na academia constitui um projeto cheio de complicações, caracterizado por grupos de estudos isolados por área de conhecimento. Na visão da autora, o jornalismo tem sido abordado em “pacotes”, cada qual isolado dos outros. Tal compartimentalização age contra a clareza do que seja a atividade, analisando aspectos parciais em oposição a uma visão de conjunto. O resultado tem sido um terreno no qual o jornalismo está em guerra consigo mesmo (Zelizer, 2010, p. 35).

Uma das dificuldades apresentadas por Machado para a consolidação das metodologias “adequadas ao campo” é o predomínio de abordagens motivadas por problema teóricos e metodológicos de outras áreas. Nesse sentido, o autor propõe uma distinção entre “estudos em jornalismo”, “realizados com metodologias oriundas em outros campos de conhecimento”, e “teorias do jornalismo”, “responsáveis pela experimentação metodológica dentro do campo” (Machado, 2004, p. 8). Na primeira, predominam problemas postos por motivação originada no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. Na segunda, prevaleceria o caráter de Ciência Social Aplicada, motivada pelo viés interno de questões próprias da atividade.

Franciscato (2005) também destaca a vinculação às ciências humanas como uma das dificuldades para a “formulação de um consistente aparato conceitual próprio que possa explicar a atividade”. Em vez disso, aponta, o jornalismo “têm sofrido uma tendência a conduzir suas discussões para o interior de disciplinas humanísticas fundadoras de quadros conceituais”, que redundam no esforço do pesquisador para “dar conta dos problemas

(epistemológicos inclusive) destas disciplinas”, o que tem contribuído para “tirar o foco principal sobre as questões conceituais específicas do jornalismo (Franciscato, 2005, p. 2).

O cenário traçado por esses trabalhos, todos produzidos há mais de dez anos, infelizmente, não parece ter se alterado significativamente deste então. A dispersão dos estudos em variadas abordagens teóricas e metodológicas não converge de modo propositivo para um conjunto coerente, articulado e complementar de conceitos e métodos, capazes de conduzir o campo para níveis mais especializados e verticalizados de investigação. Como exemplo, pode-se mencionar a recorrente discussão sobre o conceito de objetividade. Seus críticos não avançaram na construção de um novo e sólido aparato técnico e ético alternativo que demonstrasse sua superioridade. Seus defensores não conseguiram, igualmente, avançar, a partir da objetividade, na estruturação de um método mais consistente e confiável para orientar o trabalho profissional.

Se do ponto de vista teórico e metodológico tal empreitada já é difícil, reveste-se de um grau ainda maior de complexidade do ponto de vista social e político. O jornalismo enfrenta desde sempre contestações quanto ao seu status profissional. Nunca é demais lembrar que o reconhecimento do jornalismo como profissão que requeira formação acadêmica não é consensual. Em 2009, por exemplo, a expertise jornalística no Brasil foi contestada enquanto um conjunto de saberes capaz de evitar “riscos à coletividade ou danos efetivos a terceiros” (Brasil, 2009, p. 756), quando comparado ao conteúdo oferecido por pessoas não formadas na área. Com base nesse entendimento, o Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou a exigência do diploma, pois segundo a corte, o jornalismo “é a própria manifestação e difusão do pensamento e da informação de forma contínua, profissional e remunerada. Os jornalistas são aquelas pessoas que se dedicam profissionalmente ao exercício pleno da liberdade de expressão” (Brasil, 2009, p. 759).

Não bastasse tais questionamentos, a universalização do acesso à base tecnológica permitiu a qualquer pessoa produzir conteúdo, inclusive informativo. Se no passado ainda havia uma indústria, cuja técnica, infraestrutura e equipamentos conferia a seus operadores uma expertise operacional inacessível aos não profissionais, no presente, isso acabou (Anderson, Bell, Shirky, 2012). Ou melhor, restringiu-se ao núcleo de saberes profissionais voltados à produção de conhecimento sobre fatos atuais e à tradução discursiva desse conhecimento aos níveis de entendimento das diferentes audiências. Núcleo fragilizado, muitas vezes, tanto por críticas a conceitos que o estruturam, como o da objetividade,

quanto por sua falta de rigor metodológico, do que resultam as desconfianças sobre a expertise profissional reivindicada.

O quadro se agrava ainda mais no contexto político recente, da proliferação das *fake news*, da acentuada perda de credibilidade das organizações tradicionais por alinhamentos políticos e mercadológicos incompatíveis com a boa ética profissional, da expansão de veículos autodeclarados “independentes”, muitos dos quais dependentes à esquerda e à direita de agentes políticos que os financiam, tudo isso ao mesmo tempo gera um quadro em que o jornalismo é cercado de desconfiança por todos os lados, como agente dissimulador de interesses inconfessos. Não resta espaço para um debate profissionalmente conduzido sobre suas limitações, que pudesse fazê-lo revisar procedimentos e processos editoriais, lastreado por uma teoria que os sustentasse. Resta majoritariamente a crítica política e ideológica, necessária, mas não suficiente para respaldar a credibilidade em relação às responsabilidades a que se propõe cumprir.

Aqui, serão discutidas duas hipóteses para a construção de uma abordagem teórica sobre o jornalismo apta a promover uma intervenção aplicada sobre a atividade, que enfrente tais problemas, explore as suas potencialidades e seja capaz de gerar inovação no campo.

A primeira hipótese é que a dificuldade de se sustentar como campo teórico, como uma Teoria do Jornalismo, que dê conta de seus principais elementos, resulta da desconexão entre a Pesquisa Básica e a Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental (OCDE, 2018). Não se consolidou uma cultura de pesquisa básica que trabalhasse para definir uma “fisiologia normal” do jornalismo, da qual pudesse se desenvolver uma cultura de pesquisa aplicada voltada para a solução de problemas enfrentados pela atividade. O foco de boa parte dos estudos ainda é desconstruir o jornalismo, revelar criticamente suas “patologias”, o seu fracasso em cumprir as responsabilidades profissionais a que se propõe. O foco orientado para uma “fisiologia normal” do jornalismo provocaria pensar sobre “o que” poderia ser feito para que o jornalismo se tornasse mais efetivo nas responsabilidades assumidas institucionalmente.

A segunda hipótese é um desdobramento da primeira: há uma dificuldade de se estruturar a prática profissional a partir de fundamentos teóricos que resultem num sistema perito (Giddens, 1991; Miguel, 1999), uma expertise conceitual e metodológica própria para orientar o fazer jornalístico com o rigor que uma atividade profissional requer. Ou seja, a atividade prática padece de fundamentos teóricos aplicados que contribua para elevar seus

níveis de eficácia e de demonstração de resultados, capazes de validar o seu estatuto profissional.

Para conduzir tal reflexão, é preciso aceitar como premissa que o corpo teórico usado para definir o jornalismo em seus contornos básicos precisa ser capaz de criticar, fundamentar, desenvolver e validar procedimentos profissionais. Neste ensaio, tal sustentação será feita explorando as diferentes modalidades de pesquisa - Básica, Aplicada e de Desenvolvimento Experimental – para demonstrar o necessário vínculo, alinhamento e acúmulo de saberes que deve haver entre elas para que o jornalismo possa desenvolver um conjunto robusto de conceitos e práticas que forme um sistema perito com sua expertise própria. Ou, que se estruture como atividade profissional, cujos métodos sejam passíveis de fundamentação científica.

Os fundamentos: a Pesquisa Básica Orientada

A Pesquisa Básica “é um trabalho experimental ou teórico realizado principalmente para adquirir novos conhecimentos sobre os fundamentos subjacentes de fenômenos e fatos observáveis, sem qualquer aplicação ou uso particular em vista” (OCDE, 2018, p. 50)². No caso do jornalismo, que se configura como uma ciência social aplicada, a pesquisa básica fica mais bem configurada para as áreas originárias de seus conceitos chave. Por isso, convém usar o conceito de “pesquisa básica orientada”, “um amplo corpo de conhecimentos que provavelmente formará a base da solução para problemas reconhecidos ou problemas ou possibilidades atuais ou futuras” (OCDE, 2018, p. 51)³, porque recorre a conceitos gestados em outras disciplinas, mas direcionados às necessidades de entendimento do jornalismo e suas dinâmicas.

O ponto de partida para a configuração do jornalismo como atividade profissional, fundamentada por um *corpus* de conhecimento científico próprio, requer que esse *corpus* teórico e metodológico seja estruturado de modo que, simultaneamente, 1) explique de forma consistente os fundamentos da atividade e 2) oriente a prática profissional, em padrões de rigor compatível com seus fundamentos científicos.

² “Basic research is experimental or theoretical work undertaken primarily to acquire new knowledge of the underlying foundations of phenomena and observable facts, without any particular application or use in view” (OCDE, 2018, p. 50).

³ “Oriented basic research is carried out with the expectation that it will produce a broad base of knowledge likely to form the basis of the solution to recognised or expected current or future problems or possibilities”(OCDE, 2018, p. 51).

O ponto 1 será desenvolvido neste tópico ao passo que o ponto 2 no tópico seguinte, destinado à Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental.

A estruturação de corpo teórico e metodológico para constituir uma Teoria do Jornalismo, requer algumas decisões prévias, como:

1. Reconhecer que há várias possibilidades teóricas para a compreensão do jornalismo, decorrentes das mais diferentes abordagens disponíveis no campo das ciências humanas e sociais aplicadas, e que todas podem legitimamente ser testadas, ampliando ou tensionando modelos teóricos estabelecidos; no contexto da pesquisa básica, todas as hipóteses podem ser levantadas e submetidas à análise, mas, quando a teoria proposta conflita com fundamentos profissionais estabelecidos, convém: a) antes de desconstruir os parâmetros vigentes, revisar e testar os próprios fundamentos teóricos propostos; b) testar as consequências técnicas, éticas, processuais, entre outras, do novo modelo teórico proposto; c) levantar possibilidades de novas soluções, a fim de vislumbrar alternativas ao modelo objeto da crítica.
2. Os fundamentos teóricos devem partir da empiria da atividade, que se configura a) pelo rol normativo das responsabilidades, implícita ou explicitamente estabelecido em códigos de ética, manuais ou legislação existente, que a atividade assume com suas audiências e as sociedades, e b) pelo conjunto prático de ações com vistas à sua implementação; ou seja, a atividade como tal é definida de modo indissociável pelos contratos que estabelece socialmente e pelas práticas que visam honrar tais contratos; considerar esses elementos separadamente constitui um problema metodológico na definição do objeto Jornalismo, do que se evidencia uma limitação de abordagens predominantemente de base empírica, construídas a partir do estudo de um conjunto de organizações (de um padrão de cobertura, de uma cultura profissional e organizacional específicas, situadas temporal e espacialmente), cujas conclusões afirmam que o “jornalismo”, com seus fundamentos profissionais, atua para “legitimar o status quo”⁴, quando a conclusão mais

⁴ A crítica aqui direciona-se especialmente às conclusões de trabalhos situados na tradição do Newsmaking (Roscho, 1975; Tuchman, 1978; Wolf, 1992), que não comprometem, em hipótese alguma, sua qualificada contribuição para o entendimento dos processos de produção jornalística e seu impacto no conteúdo noticioso.

- razoável seria que o modelo de organização, de processos e de orientação editorial objeto das pesquisas realizadas conduzem a cobertura para as estruturas e fontes de poder social, política e economicamente estabelecidas;
3. Há a necessidade de se construir um alinhamento colaborativo em torno de conceitos e teorias a fim de fortalecer um marco teórico de referência, que fundamente e promova os saberes aplicados necessários à implementação prática do jornalismo; ou seja, é preciso superar a dispersão teórico metodológica do campo, convergir os esforços para abordagens mais promissoras no âmbito da Pesquisa Básica Orientada, cujas premissas constituam a base para os desdobramentos a serem realizados no âmbito da Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental;
 4. Nenhum modelo teórico e nenhuma prática estão livre de limitações; mas, no geral, o modelo teórico deve ser capaz de abarcar uma série de dimensões do fazer, de ser testado e validado empiricamente, e de delimitar o escopo da prática profissional, entre outras fronteiras, limites e potencialidades que caracterizam a atividade;

No âmbito da Pesquisa Básica Orientada, cabe definir os contornos do jornalismo como atividade social e profissional. Para este ensaio, o jornalismo pode ser definido, em seus contornos mínimos, como uma forma de conhecimento centrada na singularidade dos fatos/acontecimentos⁵, que promove uma mediação cognitiva entre estes e as pessoas neles interessadas (audiência, sociedade), cujo conhecimento é elaborado discursivamente e difundido por meio de um suporte tecnológico. Tal compreensão define um conjunto de responsabilidades, aqui denominadas primárias, relativas à verdade, à relevância e à atualidade do conhecimento jornalístico, como essenciais para a eficácia da mediação cognitiva pretendida.

O conceito de verdade é um pilar técnico e ético da atividade jornalística, presente em manuais técnicos e deontológicos como, a título de exemplificação, se verifica no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em seu Art. 4º: “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu

⁵ Essa formulação conceitual é assimilada de Genro Filho (1987), por demarcar de forma específica o objeto da atividade jornalística com foco na singularidade dos fatos, mas sem entrar na discussão sobre os fundamentos teóricos do autor.

trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. Entretanto, do ponto de vista teórico, o conceito de verdade é objeto de crítica nos estudos da notícia. Ao conhecer o fato, o jornalista estaria acionando determinadas instâncias de sentido que vão gerar uma determinada configuração do fato em vez de outras possíveis, caso as instâncias de sentido acionadas fossem igualmente outras. Há uma infinidade de trabalhos que desenvolvem essa crítica na literatura do jornalismo (a título de ilustração, Tuchman, 1978 e 1993; Hall et al, 1993; Hackett, 1993).

Mas, também do ponto de vista teórico, a possibilidade de produzir notícias verdadeiras não é descartada. Há autores que sustentam a importância e a validade de noções de objetividade e verdade, fundamentadas na possibilidade interpretativa orientadora do conhecimento sobre os fatos que, embora uma construção humana, têm uma natureza objetivada, de sentido intersubjetivamente compartilhado e passível de verificação. Daí resultaria a possibilidade de reconhecê-la como princípio epistemológico para a mediação jornalística e como horizonte ético da atividade na sua relação com as audiências e a sociedade (Lichtenberg, 1991; Guerra, 2008; Demeneck, 2009; Gomes, 2009; Cornu, 1994).

O conceito de relevância aponta para a necessidade de as organizações jornalísticas selecionarem, conforme sua capacidade informativa instalada, o que tem interesse ou importância para suas audiências e a sociedade, conforme o tempo de atenção de que estas dispõem. Os parâmetros de seleção passam pela aplicação de valores-notícia, definidos em função de expectativas de ordem pública e privada das audiências (Guerra, 2008), conforme critérios organizacionais que delimitam o alcance do olhar jornalístico em função da capacidade organizacional de acesso às fontes e aos fatos (Gans, 1979; Silva, 2005; Feitoza, 2021). Mas, tais parâmetros de seleção são questionados sobre o direcionamento para as estruturas de poder, por um lado, e para as rotinas organizacionais, por outro. Em ambos os casos, não seriam eficazes para oferecer à audiência e à sociedade os fatos e acontecimentos que efetivamente seriam relevantes.

O conceito de atualidade é o menos controverso dos três que configuram o rol de responsabilidades primárias do jornalismo. Mas, é central pois o não atendimento deste requisito torna qualquer fato, situação ou conflito imediatamente alheio ao universo jornalístico. A atualidade sinaliza a necessidade de o texto jornalístico estar relacionado com fatos e acontecimentos conectados com o momento presente, sem o que não poderiam ser classificados como notícias (Franciscato, 2005).

Além das responsabilidades primárias, há um segundo grupo de responsabilidades que pode ser chamado de secundárias ou derivadas. Elas expressam demandas contextuais dos ambientes sociais e políticos nos quais a atividade se realiza, por isso comportam variações de ênfase ou mesmo de existência, a depender do lugar. As demandas que nos interessam aqui são as demandas provenientes das sociedades democráticas (Christians et al, 2009; Strömbäck, 2005), que se articulam de forma negociada entre a garantia das prerrogativas e o cumprimento de suas responsabilidades (Quadro 1):

Quadro 1: Conjunto de prerrogativas e requisitos primários e secundários em sociedades democráticas

Prerrogativas	Requisitos	
	Primárias	Secundárias
<ul style="list-style-type: none"> - Liberdade de expressão (informação, opinião e crítica) - Liberdade de imprensa ou de informação jornalística - Direito à informação - Segurança 	<ul style="list-style-type: none"> - Verdade - Relevância - Atualidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia/independência: dentro dos parâmetros democráticos e profissionais - Interesse público: o público como referência, que prevalece sobre o privado - Respeito à dignidade das pessoas: impõe limites no uso das prerrogativas - Pluralidade e contraditório: em situação de conflitos legítimos (mediação)

Fonte: Guerra, 2023

Desdobrando-se desse rol elementar, podem ser acrescentadas outras, tais como acompanhamento, fiscalização e promoção da visibilidade dos poderes executivo, legislativo e judiciário (Norris & Odugbemi, 2008; Canela, 2007; Gentilli, 2005); agendamento dos temas prioritários de importância pública e política (Norris & Odugbemi, 2008; Canela, 2007; Gomes, 2004); e demais aspectos que variam de acordo com temas sensíveis à cada localidade, como os graus de privacidade, de crítica, de tratamento de fatos sensíveis, como suicídio, sequestro, entre outros.

Um exemplo é o conceito de Pluralidade. Dentro de uma concepção democrática, o princípio da pluralidade interna (Wimmer, 2011) orienta que se ofereçam oportunidades iguais para os atores envolvidos num determinado conflito. Entretanto, há uma posição teórica que considera essa prática uma forma de controle da controvérsia por quem controla os espaços institucionais de poder. Ao reivindicar e oferecer uma certa “pluralidade”, “os media tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder

existente na ordem institucional da sociedade” (Hall et al, 1993, p. 229; ver também Hackett, 1993; Tuchman, 1993; Miguel e Biroli, 2010).

Certamente, a noção de pluralidade e de imparcialidade só fazem sentido num contexto em que valores democráticos sejam minimamente consensuais. Pressupõem uma referência de isenção reivindicada por agentes mediadores, cujas balizas estão fincadas em premissas democráticas. Ou seja, são valores democráticos – carregam essa “parcialidade” na sua gênese –, em cujo contexto, constituem referências de isenção norteadoras para a mediação de conflitos discursivamente sustentados.

A síntese conceitual apresentada acima expõe os pontos de tensão teórica que atingem o núcleo das responsabilidades primárias e derivadas do jornalismo e põem em xeque o contrato de confiança que rege as suas relações com a audiência e a sociedade, a saber, do cumprimento daquelas responsabilidades presumidas. Se do ponto de vista teórico tais responsabilidades não puderem ser sustentadas, restam dúvidas sobre as bases em torno das quais a atividade se consolidou com uma das mais importantes das sociedades democráticas contemporâneas.

É no âmbito do Paradigma da Mediação, contudo, que podem ser identificadas e fundamentadas as responsabilidades da atividade jornalística, conforme esboçadas no Quadro 1. O elemento central do Paradigma da Mediação é o contrato de confiança entre audiência, sociedade e demais partes interessadas e a instituição jornalística em relação aos requisitos primários e derivados, isto é, de que a atividade não vai romper a barreira que separa a realidade da ficção, que vai orientar-se por aspectos relevantes e atuais que digam respeito aos valores caros a uma sociedade democrática.

Sustentar ou criticar esse modelo exige especial atenção a um ponto: o escopo de cada conceito. Quando se afirma, por exemplo, a verdade como responsabilidade do jornalista na produção da notícia, não se está afirmando nem que todo relato será verdadeiro, nem que os relatos verdadeiros irão dar conta de todo o fato, nem que o conhecimento da notícia que reivindica a verdade não possa ser contestado. Daí a necessidade de se ampliar a investigação sobre o método jornalístico, a fim de se delimitar com a precisão possível, as condições do conhecimento jornalístico verdadeiro. A crítica ao conceito revela a complexidade do processo cognitivo e interpretativo sobre os fatos, que deve ser respondida por conceitos e métodos mais específicos, capazes de delimitar com maior precisão o seu escopo e seus níveis de eficácia relativos à preservação do lastro noticioso, devidamente contextualizado, com a dimensão factual. Ao delimitar o escopo,

delimita-se até onde o conceito pode ser eficaz ao que se propõe, e conseqüentemente delimita-se o que não está na sua alçada, o que pode exigir um novo conceito ou novos refinamentos para dar conta desse arranjo prático-teórico.

Nesse ponto, transitamos da Pesquisa Básica Orientada para desenvolver os fundamentos da Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental, em cujo âmbito está o potencial de implementação e de eficácia das responsabilidades assumidas, configuradas na forma de um sistema perito.

Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental

Os vínculos criados pelas responsabilidades primárias e derivadas assumidas pelo jornalismo perante suas audiências, a sociedade e demais partes interessadas, dependem da confiança que estas depositam na instituição jornalística, em primeiro plano, e nas organizações jornalísticas em si, que fazem jornalismo cotidianamente, em segundo plano. Essa confiança resulta da crença de que o acordo firmado no desenho conceitual básico da atividade pode ser efetivo, na medida que os integrantes da instituição jornalística empreguem sua expertise profissional para responder às expectativas postas. É na transição dos conceitos básicos orientados que moldam o jornalismo para o saber aplicado responsável por sua efetivação que começa a se constituir o sistema perito jornalístico.

A noção de confiança constitui o primeiro requisito de funcionamento não apenas do jornalismo, mas da própria sociedade moderna: *“a natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos, especialmente confiança em sistemas peritos”* (Giddens, 1991, p. 77 – grifo do autor). Confiança é a *“crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos”* (Giddens, 1991, p. 36, grifo nosso) e “sistema perito” são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (Giddens, 1991, p. 30). Dessa definição, é possível extrair uma relação entre a confiança, a ser depositada por um agente, e um sistema que reivindica credibilidade, porque baseado em princípios e conhecimentos técnicos cuja eficácia pode ser demonstrada.

O entendimento do jornalismo como um “sistema perito”, inicialmente proposto por Miguel (1999; e revisado em 2024), fornece uma chave bastante atual para a análise do

jornalismo, especialmente, para os desafios que tem a enfrentar⁶. A confiança depositada no jornalismo, entendido como sistema perito, é baseada nas responsabilidades primárias e derivadas, associadas à eficácia no cumprimento dessas responsabilidades, em níveis considerados satisfatórias, decorrente do saber fazer que caracteriza a atividade. No contexto atual, essa associação está fragilizada por um conjunto de fatores, brevemente expostos na apresentação deste ensaio.

Para restabelecer e fortalecer esta confiança, o presente ensaio propõe dois movimentos que passam pela realização de Pesquisas Aplicadas e de Desenvolvimento Experimental na área: 1) estruturar com maior rigor os métodos jornalísticos de produção do conhecimento sobre os fatos/acontecimentos; 2) incorporar ao método processos de integridade editorial, na forma de instrumentos de *accountability* internos e externos, de modo a demonstrar para sua audiência e a sociedade a eficácia de seu trabalho.

Os métodos jornalísticos carecem de rigor e de poder demonstrativo de seus resultados. Normalmente, são implícitos, incorporados pela rotina do trabalho operacional (Barros Filho citado por Sponholz, 2009, p. 122; Pereira Junior, 2006, 2006, p. 73), e por isso tornam-se frágeis em sustentar decisões editoriais passíveis de questionamento. Da mesma forma, a crítica também padece dessa fragilidade, recaindo não raro na justificativa de ordem política. Recolocar o jornalismo como agente mediador qualificado do debate público requer avançar tanto no grau de elaboração e implementação de seus métodos profissionais quanto nos seus métodos de crítica.

É o esforço da pesquisa aplicada que será capaz de produzir um arranjo propositivo que amarre teorias a práticas, de modo a garantir sua eficácia em entregar o que se propõe, de forma verificável e demonstrável⁷. A Pesquisa Aplicada é uma investigação original, conduzida “com a finalidade de adquirir conhecimentos novos”, mas é “dirigida principalmente a um objetivo ou um determinado propósito prático” (OCDE, 2018, p. 51)⁸. Nesse caso, toda e qualquer pesquisa que vise sistematizar o método jornalístico e seus desdobramentos, em diferentes eixos de possibilidade, se constitui em Pesquisa Aplicada em Jornalismo. Para estruturar os problemas aos quais se dedicar, a Pesquisa Aplicada precisa partir do referencial teórico básico orientado disponível sobre o jornalismo para

⁶ Neste ensaio, o foco não é discutir a proposta de Miguel em si, mas explorar uma possibilidade analítica aberta por ele.

⁷ A descrição do conceito e do método de pesquisa aplicada neste artigo retoma, em seus aspectos fundamentais, passagens desenvolvidas em outros artigos, como (Guerra, 2016 e Guerra, 2023).

⁸ “Applied research is original investigation undertaken in order to acquire new knowledge. It is, however, directed primarily towards a specific, practical aim or objective” (OCDE, 2018, p. 51).

enriquecê-lo potencialmente com seus resultados, seja gerando efeito demonstrativo para os saberes conceitualmente postos seja para agregar novos conceitos, extraídos das novas experiências conduzidas, exigidos para dar conta dos avanços práticos alcançados.

A Pesquisa Aplicada em Jornalismo (PAJ) recorre a um conjunto de elementos teóricos e metodológicos voltados para compreender o fazer jornalístico e intervir nele de modo cientificamente orientado. Parte de uma compreensão inicial do que seja a atividade, dentro da qual se formulam problemas para os quais o esforço aplicado de sistematização conceitual e metodológico busca oferecer uma solução inovadora. A solução produzida, que é de natureza teórico-prática, pode avançar para a etapa do Desenvolvimento Experimental, voltada à elaboração de novos produtos e processos que possam ser melhores em relação aos existentes.

A estrutura metodológica da proposta aqui sistematizada de Pesquisa Aplicada em Jornalismo requer considerar dois princípios elementares: o Princípio Finalidade (PF) e o Princípio Complementaridade (PC). O Princípio Finalidade deve levar em conta suas responsabilidades primárias e derivadas. O Princípio Complementaridade determina o respeito a eixos que, embora se refiram a questões de diferentes e específicas naturezas, juntam-se numa particular configuração para dar sentido e efetividade ao Princípio Finalidade.

A orientação dada pelo PF é essencial para a definição dos métodos que visam atender aqueles compromissos, assim como vão definir parâmetros de desempenho aos quais deve se submeter toda organização que se pretende “jornalística”. Sem clareza do que se pretende atingir, não é possível definir os métodos nem realizar avaliações de mérito do trabalho realizado. O Princípio Finalidade deve obter fundamento em sete eixos em torno dos quais a atividade jornalística estrutura a sua operação. É uma exigência do Princípio Complementaridade, que demanda um alinhamento de saberes entre esses eixos.

De modo esquemático, os eixos podem ser assim definidos:

1) Eixo Teórico

Neste eixo, desenvolve-se uma teoria sobre conceitos e métodos aplicados ao fazer profissional, voltados a implementar o desenho conceitual do jornalismo, sistematizado no âmbito da Pesquisa Básica Orientada. Por método, Sponholz define “uma série de ações

ou decisões planejadas e adotadas conscientemente para alcançar um determinado objetivo” (2009, p. 118). Daí resulta a capacidade justificadora do método, quando sólido o bastante para orientar de modo racionalmente estruturado a prática. O método jornalístico será apresentado em dois movimentos complementares: processual e cognitivo.

No seu modo processual, Sponholz propõe uma sequência de ações que deve ser seguida para gerar o conhecimento jornalístico, desde a apresentação de um assunto de pauta, passando pelo seu tratamento editorial em diferentes momentos, até a sua finalização: 1) Escolha do objeto; 2) Pré-investigação; 3) Formulação de hipóteses; 4) Teste das hipóteses; 5) Seleção das informações levantadas; e, 6) Redação.

No modo cognitivo, procura-se configurar o trabalho mental do jornalista para definir, delimitar e sistematizar o conhecimento produzido. Esse movimento se dá com a condução do percurso interpretativo, que parte de 1) uma *pergunta* inicial, que gera hipóteses para sua resposta; 2) do que se opera um *recorte* de tempo e espaço na realidade, dentro do qual a apuração será inicialmente conduzida; 3) as informações obtidas serão objeto de *seleção* (e descarte) para sua 4) *sistematização* na forma de um conhecimento parcial (que demande novas apurações) ou final (quando apto a ser publicado, ainda que novos e sucessivos conteúdos possam ser produzidos posteriormente). Esse ciclo se dará tantas e quantas vezes for necessário para a produção da notícia, e a cada rodada vai gerar um corpo de conhecimentos mais sólidos, a partir do qual se inicia um novo ciclo de perguntas e respostas, até se atingir o volume informativo e a certeza necessários para a publicação do material. São os movimentos do percurso interpretativo, no modo cognitivo, que vão fazer avançar as etapas do modo processual do método. O método é um constructo conceitual e lógico, cuja elaboração e implementação vai estar em constante negociação e ajustes com os demais eixos.

2) Eixo Técnico

Se o método define um roteiro, fundamentado por teorias que lhe deem suporte, no âmbito das técnicas está um conjunto prático de ações que efetivamente implementam o método, em cada caso concreto. As técnicas podem ser basicamente de três tipos:

- De conduta: quando voltadas a implementar normas de conduta, seja de ordem ética, legal ou mesmo organizacional.

- Procedimental: quando voltadas a orientar o trabalho de apuração do fato/acontecimento, e consiste nas técnicas de observação, entrevista e pesquisa documental, cada uma com seu grau de complexidade próprio;
- De Produção: quando voltadas a gerar os produtos que serão disponibilizados para as audiências, como redigir, editar, fotografar, etc.;

Esses diferentes tipos de técnicas dão conta de diferentes dimensões do fazer profissional, e devem ser empregados para implementar o método jornalístico.

3) Eixo Ético

O eixo ético atravessa desde a dimensão da teoria básica orientada até os eixos da pesquisa aplicada. Toda e qualquer formulação teórica básica ou aplicada, assim como toda ação, dos diferentes eixos, sempre deverá ser balizada por referências éticas, sejam elas relativas à sociedade, de forma ampla, sejam específicas, próprias do fazer jornalístico. Nenhuma ação ou possibilidade teórica jornalística se torna socialmente aceita se não for eticamente justificável. O eixo ético extrapola os limites seja da instituição jornalística seja da organização jornalística em si, e se impõe com instância de validação necessária e externa ao campo profissional.

4) Processos

O eixo dos processos designa as etapas de produção jornalística, conforme a estrutura operacional da organização que o implementa. Neste caso, trata-se do reconhecimento de que o jornalismo se materializa no âmbito de uma organização, que tem uma forma própria de operar o trabalho. Essa organização, conforme a disponibilidade dos recursos materiais de que dispõem, do perfil de seus recursos humanos, entre outros aspectos atinentes à dinâmica organizacional, vai operar o método e as técnicas profissionais para implementar seu projeto editorial.

5) Tecnologia

O eixo tecnológico abrange o conjunto de equipamentos e de competências para operá-los, bem como a rede de serviços necessária ao seu funcionamento, a fim de viabilizar o processo jornalístico. Para isso, faz uso de sistemas de informação, “um conjunto organizado de pessoas, hardware, software, redes de comunicação e recursos de dados que coleta, transforma e dissemina informações em uma organização” (O'Brien, 2010, p. 6), que se insere no contexto do conceito de Jornalismo Digital em Base de Dados (Machado, 2006; Barboza, 2008). É impossível a prática jornalística sem a infraestrutura e os dispositivos tecnológicos de produção e disseminação de seus produtos. Isso impacta a gramática de uso dessa tecnologia, que vai demandar a expertise das técnicas de produção para gerar os produtos jornalísticos e de gestão editorial para tratar, armazenar e disponibilizar conteúdo, além de uma série de recursos que potencialmente podem ser usados para apurar, armazenar e publicar informações (Schwingel, 2012), assim como para implementar processos de *accountability* e avaliação de qualidade (Guerra, 2023; eixo 7).

69

6) Sustentabilidade

O eixo sustentabilidade aponta para a capacidade de uma organização tornar-se viável, mantendo suas atividades em caráter regular. A sustentabilidade pode ser pensada em três dimensões: ambiental, econômica e social. No plano ambiental, o quanto as organizações jornalísticas adotam uma postura que preserve e promova o meio ambiente. No caso da econômica, as estratégias de captação de receita são validadas – ou não – eticamente, por exemplo, pois a autonomia financeira é uma condição das mais importantes para proporcionar a independência editorial. Na social, está em jogo a capacidade de o jornalismo como instituição social e as organizações jornalísticas em si, como operadores práticos do jornalismo, em convencer os demais atores sociais de que está efetivamente comprometido com suas responsabilidades primárias e secundárias. Assim, os recursos previstos nos demais eixos precisam ser viáveis no plano da sustentabilidade. E a sustentabilidade vai também impactar o grau de implementação dos outros eixos.

7) *Accountability*

O eixo *accountability* (Bertrand, 2002; McQuail, 2003; Paulino, 2009; Fengler et. al., 2014) visa atender a necessidade que o jornalismo tem de incorporar métodos de acompanhamento e de demonstração da sua integridade editorial, seja de caráter interno ou externo. Em regra, sistemas peritos necessitam de controles por questões de segurança, pois a falha pode gerar prejuízos de grande monta a seus usuários. No caso do Jornalismo, que depende fortemente de sua credibilidade para gerar influência social e ser reconhecido pela qualidade de seu trabalho, o fortalecimento de seus métodos de produção passa pela incorporação de métodos de controle, como os processos de avaliação e gestão da qualidade, que visem monitorar a eficácia de seus procedimentos, a fim de justificar a confiança das audiências, da sociedade e das demais partes interessadas. Quanto mais transparentes forem esses métodos, mais o controle e acompanhamento estará ao alcance dos próprios usuários, cujo autoconvencimento é fundamental para reconhecer a eficácia do sistema perito e consequentemente atribuir confiança a ele.

A Figura 1 apresenta como os eixos estão articulados, necessariamente, na estrutura de produção jornalística. Dos fundamentos básicos orientados, estruturam-se os fundamentos teóricos aplicados e a estrutura de um método jornalístico. Ao eixo teórico, se articula o eixo técnico, que implementa no plano prático a orientação do método para as responsabilidades primárias e derivadas. Todo esse movimento teórico e prático é balizado por referências éticas, que derivam das interações sociais das quais a instituição jornalística participa; e por parâmetros processuais, tecnológicos, de sustentabilidade e de *accountability*, que compõem o escopo das ações organizacionais, a fim de implementar as responsabilidades jornalísticas sob sua alçada. As setas amarelas, que atravessam vertical e horizontalmente o modelo, em sentidos de mão dupla, apontam para o necessário movimento de retroalimentação entre seus diferentes componentes, sem o que não é possível manter a coerência, o alinhamento e a acúmulo dos saberes e práticas da profissão de jornalista.

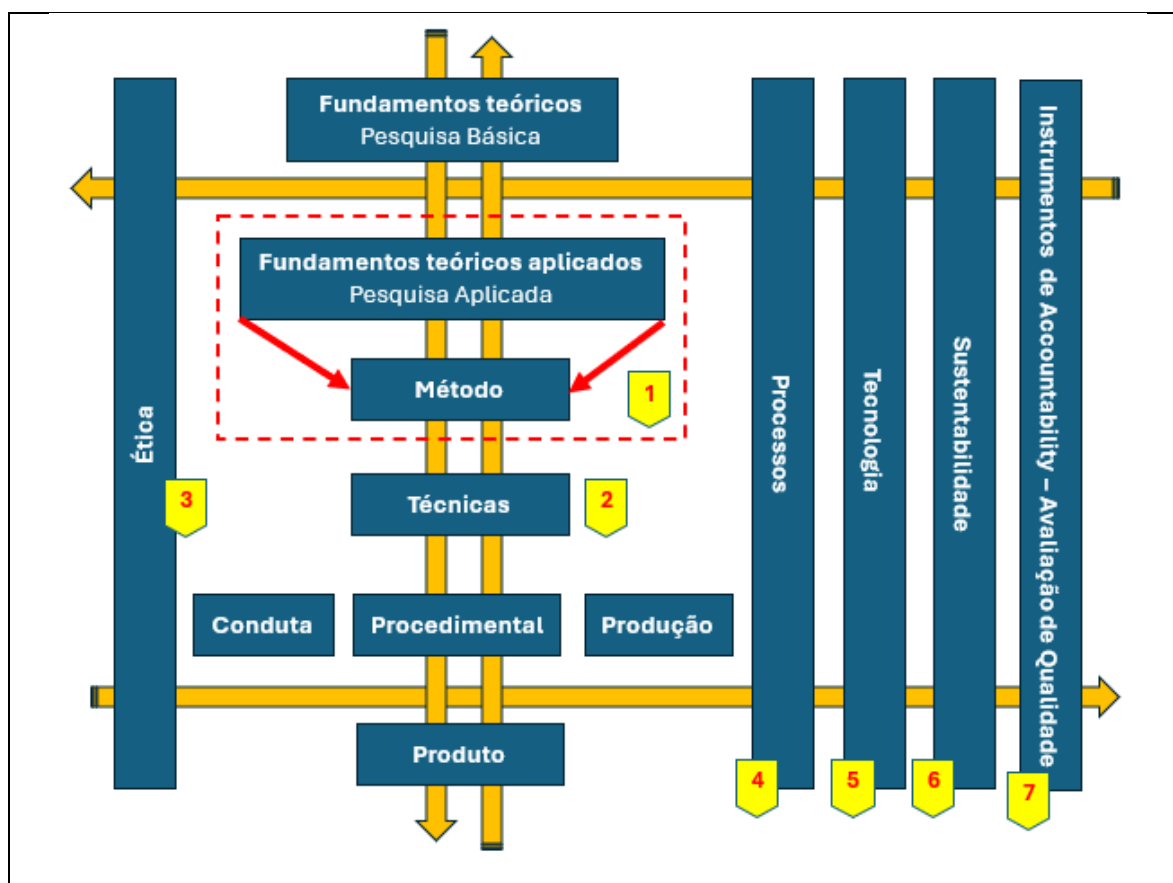


Figura 1: Interação e articulação entre saberes teóricos e práticos que configuram o Princípio Finalidade e os eixos do Princípio Complementaridade
 Fonte: Dados da pesquisa

A Pesquisa Aplicada tem como problema prático de origem a sustentação e aprimoramento do método jornalístico, operando a articulação entre os fundamentos teóricos que estruturam as responsabilidades primárias e derivadas, definidas no âmbito do Princípio Finalidade, com os eixos que operam no âmbito do Princípio Complementaridade. Ou seja, oferece soluções para fundamentar e aprimorar o método, com potencial de inovação no campo profissional. Desta condição de origem, se desdobra para explorar uma série de problemas práticos para os quais visa soluções relativas à implementação do método, desde a sua própria concepção (revisão e aprimoramento) até a sua efetivação no âmbito dos diferentes eixos.

Em regra, todo e qualquer problema prático, ainda que formulado inicialmente apenas de forma abstrata no âmbito específico do método, vai demandar uma solução com efeito prático, que necessita de um recurso que torne sua implementação viável,

inicialmente, para fins de teste, posteriormente, para fins de incorporação ao regime de produção editorial, se aprovada na fase de testes. Nesse momento, inicia-se a fase de Desenvolvimento Experimental, a fim de construir algo capaz de viabilizar a solução proposta. Nesse processo, o constructo se constitui num “fator experimental” (Rudio apud Franciscato, 2005, p. 10) a ser testado nas várias situações simuladas ou reais para as quais pretende ser uma solução efetiva. Para chegar a esse ponto, certamente se pressupôs os fundamentos teóricos orientados e aplicados para a formulação do problema e para a busca de solução, tanto do ponto de vista teórico e metodológico quanto do prático, no âmbito dos vários eixos de competência exigidos para a prática jornalística.

Considerações finais

O propósito deste ensaio foi contribuir com as reflexões sobre os desafios que o jornalismo tem para se consolidar como campo científico e como atividade profissional, cuja expertise seja validada cientificamente. O que se esboçou é um caminho a ser construído, cuja responsabilidade não pode estar restrita apenas à comunidade científica ou ao campo profissional da atividade. Deve mobilizar o conjunto de atores sociais preocupados com a qualificação do debate público, que reconhecem a legitimidade do jornalismo para assumir e honrar as responsabilidades primárias e derivadas pactuadas.

Entretanto, o protagonismo para demonstrar o potencial do jornalismo em dar conta dessas responsabilidades é dos atores do campo jornalístico, seja eles atuantes na atividade científica ou na atividade profissional. Ambas as áreas de atuação precisam estar motivadas e preparadas para buscar os meios pelos quais os fundamentos da atividade possam ser desenvolvidos conceitual e empiricamente, a fim de elevar os seus padrões de desempenho editorial. E ambos devem ter o compromisso de incorporar os avanços obtidos no cotidiano da prática profissional.

Sem que o jornalismo desenvolva métodos mais efetivos para entregar o que se propõe, de forma mensurável e demonstrável, dificilmente conseguirá enfrentar os processos deliberados de corrosão da sua credibilidade. Para isso, a articulação entre as modalidades de Pesquisa Básica e Básica Orientada com a Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental é necessária. Esse é um programa de pesquisa que tem, de forma articulada e sistemática, as condições para alinhar fundamentos teóricos às práticas profissionais, a fim de impulsionar as pesquisas a níveis de maior especialização,

por um lado, e o saber profissional a níveis de maior capacidade demonstrativa de sua eficácia, por outro.

Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. **Post-Industrial Journalism**: Adapting to the present. Columbia Journalism School, Tow Center for Digital Journalism, 2012.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 511961/SP, Tribunal Pleno**. Dje 213. Publicado em 13 de novembro de 2009. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=605643>. Acesso em: 15 out. 2021.

BERTRAND, C.-J. **O arsenal da democracia**: sistemas de responsabilização da mídia. Tradução de M. L. Loureiro. Bauru: Edusc, 2002. 513 p.

CORNU, D. **Ética da informação**. Tradução de L. Pelegrin. Bauru: Edusc, 1998.

CORNU, D. **Jornalismo e verdade. Para uma ética da informação**. Tradução de A. P. Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DEMENECK, B.-H. **Objetividade jornalística**: o debate contemporâneo do conceito. 2009. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

FEITOZA, L. N. S. **Por um tratado da relevância jornalística**. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

FENGLER, S.; EBERWEIN, T.; MAZZOLENI, G.; PORLEZZA, C.; RUSSMOHL, S. (org.). **Journalists and Media Accountability**: An International Study of News People in the Digital Age. New York: Peter Lang, 2014.

FRANCISCATO, C. Considerações metodológicas sobre a pesquisa aplicada em jornalismo. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJOR), 4. 2006, Brasília. **Anais...** Porto Alegre: SBPJor, 2006. v. 1, p. 1–20. Disponível em: http://sbpjour.org.br/admjour/arquivos/coord2_carlos_franciscato.pdf. Acesso em: 28 jul. 2016.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1987. 230 p.

GENTILLI, V. **Democracia de massas**: jornalismo e cidadania. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de R. Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. 177 p.

GUERRA, J. L. **O percurso interpretativo na produção da notícia**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

GUERRA, J. L. Qualijor - sistema de gestão da produção jornalística orientado para a qualidade editorial: pesquisa aplicada e de desenvolvimento experimental em jornalismo. **E-Compós**, Brasília, v. 19, 2016. p. 1-26.

GUERRA, J. L. A Abordagem Estratégica da Qualidade em Jornalismo: Inovação, Tecnologia e Pesquisa Aplicada. **Comunicação & Sociedade**, Florianópolis, v. 44, n. 2, e023023, 2023. DOI: 10.17231/comsoc.44(2023).4736.

HALL, S.; CRITCHER, C.; JEFFERSON, T.; CLARKE, J.; ROBERTS, B. "A produção social das notícias. O mugging nos media". In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: Questões, teoria e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993: 224-248. (Comunicação e Linguagens).

HACKETT, R. "Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos". In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: Questões, teoria e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993: 101-130. (Comunicação e Linguagens).

MACHADO, E. Dos Estudos sobre o Jornalismo às teorias do Jornalismo (Três Pressupostos para a Consolidação do Jornalismo como Campo de Conhecimento). **E-Compós**, Brasília, dez. 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em: 13 jun. 2016.

McQUAIL, D. **Media Accountability and Freedom of Publication**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2003.

MEDITSCH, E. "Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo". Encontro Nacional de Pós-Graduação em Comunicação. Reunião Anual, XI. Brasília, 1999. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>.

MEYER, P. **Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2007.

MIGUEL, L. F. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**, São Paulo, 1999, v. 11, n. 1, pp. 197-208. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20701999000100011>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MIGUEL, L. F. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do "jornalismo como sistema perito". **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 34, n. 2, p. 195–216, 2022. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.195368. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/195368>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. “A produção da imparcialidade: a Construção do Discurso universal a partir da perspectiva Jornalística”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 73, 2010, pp. 59-76.

NORRIS, P.; ODUGBEMI, S. “The Roles of the News Media in the Governance Agenda: Watch-dogs, Agenda-Setters, and Gate-Keepers”. In: **Harvard University-World Bank workshop on “The Role of the News Media in the Governance Agenda: Watcdog, Agenda-setter, and Gate-keeper”**. 29-31st May 2008.

O'BRIEN, J. A. **Sistemas de Informação e as decisões gerenciais na era da internet**. 3. ed. Tradução de C. K. Moreira e C. K. Moreira. Rev. Téc. de L. E. A. Cunha. São Paulo: Saraiva, 2010. 431 p.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Frascati manual 2015**: diretrizes para a coleta e apresentação de dados sobre pesquisa e desenvolvimento experimental. Paris: OECD Publishing, 2015.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Oslo manual 2018**: diretrizes para a coleta, apresentação e utilização de dados sobre inovação. Paris: OECD Publishing, 2018.

PAULINO, F. O. **Responsabilidade Social da Mídia**: Análise conceitual e perspectivas de pesquisa. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354703888_Responsabilidade_Social_da_Midia_Analise_Conceitual_e_Perspectivas_de_Pesquisa. Acesso em: 10 jun. 2024.

ROSCHO, B. **Newsmaking**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1975. 160 p.

SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. Paulinas, 2012. 200 p.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 1º sem. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SPONHOLZ, L. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009. 192 p.

STRÖMBÄCK, J. In search of a standard: Four models of democracy and their normative implications for journalism. **Journalism Studies**, 6(3), 331-345, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1080/14616700500131950>.

TUCHMAN, G. **Making News. A Study in the Construction of Reality**. New York: The Free Press, 1978. 244 p.

TUCHMAN, G. “A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas”. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: Questões, teoria e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. p. 101-130. (Comunicação e Linguagens)

WIMMER, M. Pluralismo e diversidade nos meios de comunicação de massa: sobre consensos e contendas. **Revista Brasileira de Políticas de Comunicação**, n. 6, p. 1-13, 2011.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

ZELIZER, B. Going beyond Disciplinary Boundaries in the Future of Journalism Research. In: LÖFFELHOLZ, M.; WEAVER, D. **Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings, Future**. Malden, MA, USA; Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2008. p. 253-266.

Submissão: 14 de mai. 2024.

Aceite: 21 de ago. 2024.